

**POR UMA NOVA CIDADE: DISCURSOS DE MODERNIDADE E  
PROGRESSO NO JORNAL FOLHA DO NORTE EM FEIRA DE SANTANA/BA  
(1900-1930)**

*Magno de Oliveira Cruz*<sup>1</sup>

**RESUMO**

Desde a virada do século XIX para o XX, o ordenamento da cidade se impôs como fruto da reivindicação pela provisão das necessidades básicas aos cidadãos: higiene, iluminação, segurança, locomoção, demandando a criação de elementos vigilantes para estes serviços devido à concentração populacional que criava problemas aos administradores. Dessa forma, o presente artigo se esforça em analisar as experiências de urbanização na cidade de Feira de Santana, Bahia, aliada aos ideais modernizantes e progressistas através do jornal Folha do Norte durante as três primeiras décadas do século XX, na sua materialidade: traçado de ruas, abertura de novos bairros, zoneamento, adoção de técnicas construtivas atualizadas, estilos adequados para expressar visualmente a “chegada” do progresso. Percebe-se através do jornal a persistente preocupação dos órgãos públicos e das autoridades locais em realizar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. Assim, nesse sentido, cabe inquirir sobre as relações entre os ideais modernizantes presentes no ideário republicano e sua aliança como novas formas de percepção da cidade expressas naquele periódico.

**Palavras-chaves:** Feira de Santana; Jornal Folha do Norte; Urbanização; Modernização; Progresso.

**ABSTRACT**

Since the turn of the nineteenth to the twentieth century, city planning was imposed as a result of the claim by the provision of basic needs to the townspeople: hygiene, lighting, security, mobility, demanding the creation of the security elements for these services due to population concentration created problems for administrators. Therefore, this article tries to analyze the experiences of urbanization in the city of Feira de Santana, Bahia, coupled with modernizing and progressive ideals through the newspaper Folha do Norte during the first three decades of the twentieth century, in its materiality: tracing streets, opening new neighborhoods, zoning, adoption of updated building techniques suitable to express visually the "arrival" of progress styles. It is perceived through the newspaper to the continuing concern of public bodies and local authorities to perform the displacement representation of Feira de Santana city while rural bases, to define it as a large city endowed with a powerful commerce and a city structure. So in that sense, it is examined, the relationship between the modernizing ideals present in republican ideals and his alliance as new forms of perception of the city.

**Keywords:** Feira de Santana; urbanization; modernization; progress.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço e mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Campina Grande.

produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas.<sup>2</sup> Arelada a essa caracterização, corroboro das idéias de Maria Stella Brescianni para analisar a cidade de Feira de Santana através do jornal Folha do Norte entre 1900 e 1930, na sua materialidade: traçado de ruas, abertura de novos bairros, zoneamento, adoção de técnicas construtivas atualizadas, estilos adequados para expressar visualmente à “chegada” do progresso.

A cidade de Feira de Santana, desde o início do século XX, experimenta um processo de urbanização que paulatinamente vai modificando sua paisagem física e sociocultural, esgarçando percepções e práticas sociais tradicionalmente arraigadas às suas relações cotidianas e instituindo novas semânticas de reconhecimento do lugar. A exemplo do que ocorria nos principais centros do país, a virada do século e o advento do novo sistema republicano levaram a sociedade feirense a se engajar na busca por tal ideal de civilidade.<sup>3</sup> Através da imprensa podemos perceber a difusão de ideias progressistas e suas características em Feira de Santana. Para SILVA, a imprensa toma para si o papel de difusora de novos princípios de modernidade, afirmando que através dela “pretendeu-se reformar hábitos, imprimir novos costumes, moldar outra imagem da cidade, extirpar todos os males que pudessem comprometer o seu desejo de progresso”<sup>4</sup>.

Entre as vantagens da utilização da imprensa como fonte documental da História, Renée Barata Zicman<sup>5</sup> destaca três: a “periodicidade” porque, enquanto “arquivos do cotidiano” os jornais permitem “estabelecer a cronologia dos fatos históricos”; a “disposição espacial da informação”, porque possibilita “a inserção do fato histórico dentro de um contexto mais amplo”; e o “tipo de censura”, porque “a imprensa sofre apenas a censura instantânea e imediata”, enquanto as outras fontes documentais, colecionadas em arquivos sofrem “quase sempre triagem antes de serem arquivadas”. Entretanto, segundo Tânia Regina de Luca (2005), na análise dos jornais algumas questões merecem destaque: atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão; papel); formas de organização interna dos conteúdos; caracterizar o grupo responsável pela publicação; identificar os principais colaboradores e também o público a que se destinava.

---

<sup>2</sup> BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

<sup>3</sup> Folha do Norte de 11/01/1913, número 133, p.1, MSC/CENEF.

<sup>4</sup> SILVA, Aldo Jose Morais. *Terra de Sã natureza: a construção do ideal de cidade saudável em Feira de Santana (1833-1920)*. Feira de Santana: UEFS, 1997. Monografia de especialização.

<sup>5</sup> ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa: algumas considerações teóricas*. São Paulo: Projeto História, 1985.p.89.

No texto “Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória”<sup>6</sup> de Bethania Sampaio Corrêa Mariani a autora discorre que a análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias, ou seja, lê o presente, ao mesmo tempo em que organiza um futuro - as possíveis conseqüências desses fatos do presente – e, assim, legítima, enquanto passado memória, a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro. Segundo Marianni (2001, p.33):

Analisar o discurso jornalístico é considerá-lo do ponto de vista do funcionamento imaginário de uma época: o discurso jornalístico tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário. Em suma, o discurso jornalístico (assim como qualquer outra prática discursiva) integra uma sociedade, sua história. Mas ele também é história, ou melhor, ele está entranhado de historicidade.<sup>7</sup>

Corroborando com as ideias e conceitos defendidos pelo historiador Roger Chartier, no que diz respeito à História Cultural que “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>8</sup>, percebemos que as notícias jornalísticas nos permitem entender quais ideais de progresso se pretendia difundir.

Dentro dos estudos de resgate da memória cultural, optamos pela representação escrita em periódicos, entendendo o fenômeno urbano como acúmulo de bens culturais, encarando o jornal não apenas como uma espécie de veículo de novas possibilidades de registros, mas também como um dos suportes da memória da cidade. A escolha do periódico *Folha do Norte* respalda-se na compreensão de ser ele um dos instrumentos de preservação, e por se querer privilegiá-lo como fonte espontânea de expansão da população urbana.

O jornal *Folha do Norte* acompanhou todas as mudanças que alteraram a aparência da cidade, bem como, todos os problemas sociais e infra-estruturais que o crescimento urbano causava. Para além disso, analiso tal periódico como difusor de ideais de progresso tão almejados por determinadas parcelas da sociedade feirense. Portanto, em relação ao jornal

---

<sup>6</sup> In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. 2ªed. São Paulo: Fontes, 2001, p.33.

<sup>7</sup> Ibidem, ibidem, p.33.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural\; entre práticas e representações – Tradução: Maria Manuela Galhardo, RJ. Bertrand Brasil, Lisboa, Portugal, DIFEL, 1990, p. 16.

Folha do Norte, pretendo nesse capítulo apresentar seu histórico, suas características técnicas, bem como, analisar e discutir as repercussões sociais que teve na sociedade feirense.

O Jornal Folha do Norte é o mais antigo jornal em circulação na cidade de Feira de Santana. O primeiro número surgiu em 17 de setembro de 1909, fundado por Tito Ruy Bacelar<sup>9</sup>, Arnold Ferreira da Silva<sup>10</sup>, como redator, até 1910, João Carneiro Vital e, passou a contar com diversos colaboradores, começando a circular semanalmente.

A Folha do Norte era a princípio, editada na Rua Dr. Manoel Vitorino nº 112 (atual Rua Marechal Deodoro), e afirmava no editorial do seu primeiro número:

Surgimos, hoje, no campo jornalístico, em prol do progresso intelectual e material desta grande zona sertaneja, estabelecendo nossa pequena tenda de trabalho nesta formosa cidade da Feira de Santana, talhada para um futuro feliz e digno, por todos os títulos, dos serviços abnegados de seus filhos, para torná-la ainda mais próspera aos olhos daqueles que nos visitam, admirando-lhes a vastidão encantadora dos seus horizontes e amenidade benéfica do seu clima. Possuído das melhores intenções para a terra que nos serviu de berço, julgamos prestar-lhe um serviço cívico, concorrendo com a nossa parcela de trabalho na imprensa local, a fim de batalharmos sem vacilação de vontade, nem tibieza de espírito pelo seu completo desenvolvimento<sup>11</sup>.

O conceito de modernidade se efetuava pela estigmatização dos valores e das estruturas tradicionais, nos quais os elementos do novo emergem potencialmente da crise das antigas instituições, tendo como elemento distintivo o conflito que se instaura entre a realidade cotidiana de nossa sociedade e os sonhos de futuro elaborados. Sob esse olhar avaliativo é que a intervenção dos administradores de Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX, sugeriu e programou modificações aos elementos tradicionais apontados como degradantes. A modernidade local se constituiu num processo caracterizado pela busca por reprodução dos ideais e modelos externos, que se compuseram no confronto da nossa realidade com os padrões sociais, políticos e culturais europeus, visto que, na Europa houve um fortalecimento do urbanismo, entendido como a possibilidade do estabelecimento do fator urbano enquanto fruto do planejamento da cidade pela escolha de valores que visam o

---

<sup>9</sup> Nasceu em Feira de Santana a 12 de fevereiro de 1850 e faleceu a 13 de janeiro de 1922. Comerciante nos seus primeiros anos de sua vida, político desde o império, quando militou nas fileiras da política Liberal, eleito membro do Conselho municipal em 1877. Eleito intendente de Feira de Santana, exerceu o cargo de 1º de janeiro de 1904 a abril de 1906.

<sup>10</sup> Nasceu em 3 de agosto de 1894. Cursou as primeiras letras na escola primária, mas não terminou os estudos regulares. Assumiu a direção do jornal de 14 de janeiro de 1922 a 17 de novembro de 1923. Foi intendente do município de 1º de janeiro de 1924 a 31 de dezembro de 1927. In: Anuário Estatístico de Feira de Santana, 1998, CEI, p.40.

<sup>11</sup> Folha do Norte de 17/09/1909. MCS/CENEF.

progresso e a produtividade, modificavam o ideário e a vivência do espaço citadino.<sup>12</sup> Seria necessário então adequar este discurso às reais necessidades do país que desejava construir um espaço urbano que apresentasse toda polidez e fineza do mundo moderno.

O urbanismo se restringiu na tentativa de reprodução dos avanços técnicos observados nas cidades ditas modernas e desenvolvidas, a partir do estabelecimento de modelos bastante estreitos de estruturação do espaço urbano e da composição de regras de conduta social, desprezando, a discussão sobre os direitos sociais que a vida urbana suscitava, instituindo o surgimento das nossas cidades a uma nova forma de composição do tecido urbano, bem como de um novo formato de convivialidade que tinha como principal parâmetro a imagem de Paris haussmanniana que figurou no ideário moderno como um modelo autêntico de cidade.<sup>13</sup>

A transformação da visão da cidade e do ambiente urbano durante o período republicano encontra-se também, ainda, vinculado aos processos históricos que culminaram na ressignificação da rua que deveria preparar-se em termos estéticos e higiênicos para receber o cidadão brasileiro que nascera com o novo regime, como diz Fonseca:

A cidade deveria tornar-se um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável. No projeto de reforma urbana, as ruas, até então um espaço preferencialmente destinados aos negros, mulatos, vadios, mendigos, prostitutas e boêmios, precisavam ser ocupadas pelas famílias, pelos senhores de cartola, pelas senhoras e moças vestidas de acordo com a “última moda de Paris”<sup>14</sup>.

A rua deveria estar então asseada, bem calçada e bonita para dar passagem à emergente elite urbana republicana que buscava se impor a partir do estabelecimento de uma nova ordem social, cultural, econômica e política. Nesta conjuntura, é adotado um projeto de urbanização da cidade do Rio de Janeiro<sup>15</sup>, que muito em breve, disseminou para as demais cidades brasileiras. Conseqüentemente, se a modernização já era uma realidade para as capitais brasileiras ao longo da década de 20, não demorou muito para atingir as cidades do interior com certo desenvolvimento econômico e grande prestígio político, como era o caso da cidade de Feira de Santana que nesse período figurava no cenário baiano como a cidade mais

---

<sup>12</sup> Revista Projeto História, (18); maio, 1999.

<sup>13</sup> RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). Cidade, povo e nação – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

<sup>14</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002. p.30.

<sup>15</sup> Sobre o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, ver: CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

importante do interior da Bahia.<sup>16</sup> Assim, a euforia urbanística também compôs parte significativa dos sonhos das lideranças feirenses durante a primeira metade do século XX, onde o olhar avaliativo estabeleceu a valorização dos ideais modernos através de uma análise comparativa entre as imagens da capital federal e estadual e a realidade local, no qual os elementos exteriores eram valorizados ao ganharem status de símbolos representativos da modernidade.

A noção de modernidade e progresso, desde suas origens, denota a crença num desenvolvimento evolutivo contínuo rumo a uma realidade futura que figura no imaginário social como um espaço para o cumprimento do sonho da realização plena dos seres vivos, culminando numa atmosfera atemporal da vivência da felicidade.<sup>17</sup> Segundo Carvalho, tal mentalidade serviu de instrumento de legitimação do regime republicano que daria ênfase aos ingredientes utópicos trazidos pelo positivismo através dos quais “a República era percebida em sua perspectiva ainda maior de uma procura de idade de ouro futura”<sup>18</sup>, uma vez que esse novo regime adotou como seus, assim como tantos outros, os elementos componentes da noção de progresso – a crença no poder do saber científico e a disciplinarização do comportamento como único caminho na construção de uma sociedade próspera e feliz<sup>19</sup>.

Ao condicionar a construção do futuro enquanto campo de realização da libertação do homem com a expansão e proliferação do conhecimento especializado voltado para o domínio da natureza, a ideologia do progresso adquiriu valores próprios no Brasil e um papel político central que engendraria o mito da modernidade sustentado por uma idéia de desenvolvimento econômico que seria alcançado pelo domínio da natureza pelo saber humano incrementado pela industrialização. Deste modo, o ideário progressista aliado aos ideais de modernidade incentivou a reprodução de modelos sociais inspirados nos padrões das sociedades européias, uma vez que estas eram as portadoras das imagens que traduziam e atestavam os resultados benéficos do processo de apropriação da natureza pelo homem.<sup>20</sup>

A euforia urbanística que arrebatava os líderes políticos durante a primeira metade do século XX determinou um olhar avaliativo sobre o espaço urbano feirense que valorizava os

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação de Mestrado. p 17.

<sup>17</sup> Sobre o desenvolvimento da idéia de progresso nas sociedades ocidentais ver: NISBET, Robert A. A história da idéia de progresso. Brasília, DF: UNB, 1985.

<sup>18</sup> CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>19</sup> DELUMEAU, Jean. Mil anos de felicidade: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 270.

<sup>20</sup> Id. Ibid. p. 272.

elementos simbólicos exteriores à sua cultura, procurando degradar os símbolos do passado e promover a construção de uma nova realidade na qual pudesse ser concretizado o sentimento de plenitude que as imagens das cidades européias traziam aos olhos de quem às contemplavam. Segundo Oliveira:

A crítica ao mundo rural representava a tentativa de adequar o país a um ritmo histórico novo, mais afinado com as transformações ocorridas na Europa e parelho com os ideais de progresso. A partir dos anos finais do século XIX, o tempo histórico sofreu uma aceleração brutal com o encurtamento de distâncias e a possibilidade de comunicações mais rápidas, fazendo com que as novidades chegassem com maior rapidez<sup>21</sup>.

Assim, a noção de progresso se efetuava pela negação dos valores e das estruturas tradicionais nas quais repousava durante anos a sociedade feirense, mas que a condenavam a ser símbolo máximo do “atraso brasileiro” e que mereceriam, por isso, serem trocados por outros modelos, novas formas.

Tendo como principais veículos de divulgação os jornais locais, no Folha do Norte, que comportava-se como os grandes jornais diários, que difundiam posições políticas e são vinculados a interesses econômicos específicos e, portanto, são condicionados pelos grupos econômicos que lhes dão sustentação financeira e submetidos às conveniências ideológicas às quais seus proprietários se identificam, analisaremos como esses grupos políticos feirenses utilizando-se da imprensa não pouparam esforços em ignorar símbolos do passado agrário da cidade e de sua condição de “sertão-pastoril” para ressaltar o papel da cidade como importante centro comercial dotada de uma estrutura física moderna, no qual sua população desenvolvia um estilo de vida citadino. Deste modo, observamos algumas das notícias do Jornal Folha do Norte entre 1900 e 1930, que se preocupava em construir um novo tipo de urbe (limpa, bonita e civilizada).

Os animais que andavam soltos pelo centro da cidade foi noticiado pelo jornal como preocupação de alguns urbanistas:

#### ANIMAES SOLTOS

Continúa a vagar pelas ruas da cidade, contra expressa determinação do Código de Posturas, uma porção considerável de animaes de toda espécie, cuja acção damnnhia e maléfica ainda em local de numero passado especificamos. Contra esse grande abuso, clamamos e clamaremos com todas as nossas forças e esperamos que, quando a administração municipal que se finda já não corrija o mal, a administração futura, em que recaem as esperanças de todos, sane por

---

<sup>21</sup> Cf. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 25.

completo essa falta de comprimento a lei fazendo desaparecer uma macula que emerge o alabastro do nosso crédito de povo civilizado.<sup>22</sup>

A presença de animais soltos na rua, a vagar livremente pela cidade, inquietava àqueles que estavam preocupados com a imagem de incivilidade que esta paisagem poderia proporcionar e contrastava com o ideal de cidade que se pretendia construir. Apesar do código municipal desde o ano de 1886<sup>23</sup> apresentar sanções e multa de “dois mil réis” aos proprietários dos animais que fossem encontrados soltos, podemos perceber a inoperância da lei pela frequência com que tal assunto é retomado pelo jornal, podendo ser constatado por meio de outro texto do referido periódico intitulado “Os logradouros públicos não são pastos”.

(...) Na madrugada de quinta-feira última foram vistos pastando na mencionada praça [Praça da Matriz] nada menos de 18 animaes! Conforme o testemunho de moradores dali que nos enviaram carta, conjuntamente com os da Praça João Pedreira, onde também perambulam animaes, damnificando o jardim iniciado na avenida Maria Quitéria, solicitando providências efficazes, por nosso intermédio. Sob as vistas de quem competir deixamos essas justas queixas que patenteãm pelo bem público.<sup>24</sup>

Além desse “problema”, o (JFN) de maio de 1914 apresentou a seguinte portaria:

O Intendente Municipal recomenda ao sr. Fiscal, a fiel observância do art. 20 do Código de Posturas que veda terminantemente a criação de porcos em quintaes, dentro da cidade ou te-los soltos pelas ruas, sob pena de 6\$000 de multa ou 2 dias de prisão. (...) <sup>25</sup>

A preocupação com a permanência de criatórios de porcos dentro do perímetro urbano é recorrente no JFN, quando em maio de 1926 foi noticiado na primeira página do jornal:

VÃO SE DESFAZENDO DOS PORCOS E BACORINHOS – as fiscalizações sanitaria e municipal não tardarão em agir(...) convem ao interesse dos que os cevam ou criam em quintaes, mesmo enriqueirados, que se vão desfazendo delles, pois não tardarão inspecções rigorosas por parte do Saneamento Rural (...) <sup>26</sup>

Notícia também de destaque, na primeira página do JFN foi apresentada em janeiro de 1914:

<sup>22</sup> Folha do Norte, 17/12/1912. Museu Casa do Sertão/CENEF.

<sup>23</sup> Código de Posturas da Cidade Commercial de Feira de Sant’Ana 1886.

<sup>24</sup> Folha do Norte, 03/1927. MCS/CENEF.

<sup>25</sup> Folha do Norte, 31/5/1914. MCS/CENEF.

<sup>26</sup> Folha do Norte, 29 /5/1926. MCS/CENEF.



Consoante noticiáramos, teve lugar ante-hontem, 1º de Janeiro, a inauguração da secção de açougue do Mercado Municipal [...]. Realizou-se o benzimento cuja cerimônia foi celebrada pelo revmo. padre Gomes Loureiro, digno capellão do Azylo que produziu bella allocução salientando os esforços patrióticos do Sr. Cel. Intendente em bem do progresso do município.<sup>27</sup>

As construções e, posteriormente, a inauguração da Ponte Rio Branco também ganharam destaque no periódico:

Inaugura-se amanhã solennemente, com aprezença do exmo Sr. Dr. Secretario da Agricultura Viação e obras públicas do Estado, a ponte Rio Branco, sobre o Jacuhype, a duas léguas desta cidade. [...] A verdade e que, pela construcção dessa grande obra, vinham trabalhando, de longos annos, quantos estimam o nosso progredir<sup>28</sup>.

A construção da ponte do Rio Branco foi uma prestigiosa representatividade do progresso para Feira de Santana, visto que foi um “melhoramento de real importância para uma rica e vasta zona sertaneja, pois favoreceu particularmente este municipio nas suas relações commerciaes com o centro do Estado, facilitando e garantindo também a passagem do gado que, procedente das passagens de Monte Alegre, Mundo Novo, Baixa Grande e terras circunvizinhas, abastece a capital bahiana”.<sup>29</sup>

Duas grandes inovações vieram ainda na década de 1920. O progresso da sociedade feirense era saudado pelos jornais quando anunciavam a instalação do sistema de eletrificação da cidade e implantação da Escola Normal. Estes dois elementos figuraram como sinais da inserção de Feira de Santana no rol das cidades progressistas e modernas da Bahia. Isso pode ser verificado na reportagem “A Feira na Imprensa Carioca” posta em circulação pelo (JFN) em 12 de fevereiro de 1927, que transcreve a edição do dia 23 de janeiro do periódico “Gazetas de Notícias”, da Capital Federal e que exalta os símbolos da modernidade apresentados pela municipalidade baiana. O texto a apresenta como uma grande cidade do interior da Bahia:

No grupo escolar Dr. Seabra, edificio admirável, e em várias escolas espalhadas pelo importante município, cuja população atinge a trinta mil habitantes, recebem algumas centenas de crianças de um profesorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao sagrado magistério da instrução as luzes do ensino [...]. É Feira de Santana cabeça de comarca, seu comércio é bastante desenvolvido; sua indústria incipiente floresce [...] é illuminada a luz electrica.

---

<sup>27</sup> Folha do Norte, 3/01/1914. MCS/CENEF.

<sup>28</sup> Folha do Norte 17/03/1917. MCS/CENEF.

<sup>29</sup> Folha do Norte 17/03/1917. MCS/CENEF.

A constatação do jornal carioca evidencia que a eletricidade e o progresso andavam de mãos dadas na República baiana. O espanto delata sua perplexidade diante dos inequívocos elementos que compõem o cenário de progresso para uma cidade republicana numa localidade do interior baiano. Tal atitude reforçou a imagem de que a aquisição da luz elétrica constitui uma etapa significativa no processo de melhoramento social que culminaria numa sociedade idealizada. Portanto, não é de se estranhar que a sociedade comemore o aumento crescente dos pedidos de instalação de pontos de energia em residências e casas de comércio.

Além disso, o artigo em questão também oferece destaque ao esforço de um professorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao magistério da transmissão das luzes do ensino, tarefa indispensável para realizar o desenvolvimento da humanidade na direção da concretização do sonho de progresso pela sociedade feirense. Como vimos anteriormente, o avançar da humanidade depende da proliferação do saber e do domínio da natureza pelo homem, por este motivo, a comprovação de tão honrosa tarefa deve ser saudada com grande prestígio. Por esse motivo, a instalação da Escola Normal se constituiu como uma etapa importante da aquisição dos foros de cidade civilizada que Feira tanto almejava.

Nesta perspectiva, a Escola Normal assumiu um novo papel, como preparatória dos (as) agentes de progresso da nação.<sup>30</sup> O jornal Folha do Norte apresenta em uma de suas reportagens intitulada “Uma conquista desvanecedora” a solene sessão inaugural:

O 1º de Junho de 1927 deve se constituir dor’ a avante uma data memorável nos annaes da vida político-social da Feira de Sant’ Anna, visto assignalar uma de suas mais dignificadoras conquistas.<sup>31</sup>

Qualquer postura que apresentasse uma posição contrária ao ensino deveria ser abolida. O (JFN) apresenta uma matéria intitulada “Mandai-vos vossos filhos à escola”, onde adverte que “o não cumprimento desta prerrogativa, ou tentar fugir, pois, a esse dever, evitando o aparelhamento mental da prole para vencer na luta pela vida [...] é renunciar ao pátrio poder e commeter verdadeiro crime de lesopatriotismo”<sup>32</sup>.

Outro importante marco do remodelamento urbano de Feira de Santana foi a construção do Paço Municipal, obra inaugurada em 1928, na gestão do Intendente Arnold

---

<sup>30</sup> SOUSA, Ione Celeste de. Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.

<sup>31</sup> Folha do Norte 4/6/1927 MCS/CENEF.

<sup>32</sup> Folha do Norte 20/2/1926 MCS/CENEF

Silva, e havia consumido divisas das duas gestões anteriores para sua conclusão. O prédio inaugurado atendia a padrões arquitetônicos arrojados para o período e serviu às autoridades e à sociedade feirense como símbolo da modernidade para a cidade. Tamanha é a força simbólica deste prédio para a construção de uma representação da Feira progressista, que virou referencia para aferir o grau de urbanidade que a cidade atingiu. As correspondências editadas no (JFN) emitindo congratulações recebidas pelo Intendente Municipal pelos melhoramentos que este realizou em Feira de Santana ilustram este fato.

Fazendo votos pela continuação da prosperidade e progresso crescente dessa bela cidade, que honra o nosso Estado. Saudações cordiais – Dep. Braz de Almeida. Congratulo-me com a população feirense na pessoa do seu honrado e laborioso intendente, pelo passo dado no caminho do progresso, conforme patriótica inauguração. Affectuosa saudação – Eudoro Tude.<sup>33</sup>

Estas operações marcam o início da intervenção progressista na cidade de Feira de Santana, não somente por representarem o ponto inicial para a reestruturação espacial da cidade, mas porque figuram como marcos fundamentais para a construção de uma nova imagem da urbe. Desse modo, tal imagem de cidade é tecida por elementos da modernidade, em detrimento da imagem associada ao mundo rural, ao campo, lugar do incivilizado e do atraso.

Assim, a partir das transformações urbanísticas compreendidas entre as décadas de 1900 a 1930, a “Princesa do Sertão” reconstruiu seu espaço urbano de modo que os novos símbolos do progresso conformassem a imagem de uma cidade moderna aos olhos de qualquer visitante, rompendo com seu passado ruralista e pastoril. Vale salientar que tais modificações espaciais se constituíram apenas a primeira etapa rumo à obtenção de cidade civilizada, moderna e progressista, o segundo passo obviamente seria a intervenção nos hábitos, costumes e modos de comportamento da população, no qual este processo civilizador/ “coercitivo” procurava combater as condutas e hábitos tidos como arcaicos e, portanto, não legítimos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

---

<sup>33</sup> Folha do Norte 9/4/1927. MCS/CENEF.

- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “**Fazendo Fita**”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se**: ideais de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado. Salvador: Mestrado em História/UFBA, 1996.
- NISBET, Robert A. **A história da idéia de progresso**. Brasília, DF: UNB, 1985.
- OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação de Mestrado.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, (53) jan.jun., 2007.
- Revista Projeto História, (18); maio, 1999.
- RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). **Cidade, povo e nação** – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.